



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA (UNILAB)
INSTITUTO DE HUMANIDADES**

O RITUAL DO CASAMENTO KAMARRI DA ETNIA PEPEL

URCELINA CORO NANQUE

REDENÇÃO

2022

O RITUAL DO CASAMENTO KAMARRI NA ETNIA PAPEL

URCELINA CORO NANQUE

Projeto de Pesquisa apresentado como requisito para aprovação na componente curricular Trabalho de Conclusão de Curso III.

REDENÇÃO

2022

SUMÁRIO

1. DELIMITAÇÃO DO TEMA	04
2. OBJETIVOS	04
2.1. Objetivo Geral	04
2.2. Objetivos Específicos	04
3. PROBLEMAS	04
3.1. Problemas Específicos	04
4. JUSTIFICATIVA	05
5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	07
5.1. O ritual de casamento	07
5.2. O <i>Kamarri</i> e a passagem da infância para a idade adulta da mulher	08
5.2.1. Os passos do ritual <i>Kamarri</i> : aspectos que mudaram e que resistiram	09
5.2.2. Símbolos e adaptações simbólicas do casamento papel	11
6. METODOLOGIA	13
7. CRONOGRAMA	14
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	14

TEMA:

O ritual do casamento na etnia pepel.

1.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA:

As adaptações simbólicas e culturais do ritual do casamento na etnia pepel.

1. OBJETIVOS**2.1. OBJETIVO GERAL**

- Compreender as adaptações simbólicas e culturais do ritual do casamento na etnia pepel

2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Compreender os passos ritualísticos da cerimônia tradicional de casamento da etnia pepel;
- Conhecer sobre os direitos do homem e da mulher no matrimônio pepel;
- Compreender a evolução no ritual realizado antigamente com o da atualidade.

3. PROBLEMAS**3.1. PROBLEMA GERAL:**

Quais as adaptações simbólicas e culturais do ritual do casamento na etnia pepel?

3.2. PROBLEMAS ESPECÍFICOS

- Quais são as etapas do ritual de casamento tradicional da etnia pepel?
- Quais são os direitos do homem e da mulher no matrimônio pepel?
- Partindo da historicidade, como o ritual de casamento era realizado antigamente e como o ritual é realizado nos dias de hoje?

4. JUSTIFICATIVA

A Guiné-Bissau tem vinte e três etnias diferentes, entre elas a etnia pepel que, até o ano de 2009, correspondia a 10% dos habitantes do país. O povo pepel tem uma cultura de tradição oral, sendo que uma grande parcela da sua população segue a religião cristã. A cultura pepel compartilha traços culturais com as outras etnias (Mandjacos e Mancanhis), já que o passado configurava o mesmo grupo étnico. Em termos sociais, desde muito cedo, as mulheres pepel são preparadas para o casamento tradicional, o K´marri, foco desta proposta de pesquisa.

A escrita deste projeto surge a partir de uma experiência pessoal, como mulher guineense de etnia pepel e esposa. Desde muito cedo, há por parte da família tradicional pepel a preferência pelo casamento entre pessoas da mesma etnia, seguindo os passos dos ritos sagrados de casamento desta etnia. Na Guiné-Bissau, se a mulher da etnia pepel casar-se com um homem de etnia diferente, ela pode ser excluída da sua comunidade étnica, como, por exemplo, meu caso. Partindo disso, ganhou forma o desejo de compreender mais sobre os processos ritualísticos, os símbolos que estão inseridos na cerimônia tradicional do casamento entre pepel.

Quando me gravei do meu namora que é da etnia fulano, a minha mãe me disse que não posso fazer a cerimônia de casamento k´marri porque ele não pertence a nossa etnia, então temos que procurar uma pessoa de confiança que pertence a etnia pepel para realizar o casamento, porque essa pessoa passa a ser a pai da minha filha, na etnia pepel.

Sabe-se que a preparação do casamento envolve uma sequência de acontecimentos que começam com o rito de separação da mulher de sua família, concretizando-se com o de agregação dela com o esposo. O casamento representa um conjunto de situações que simboliza o começo de uma nova etapa do ciclo de vida e abarca as etapas identidades do ritual.

O casamento tradicional da etnia pepel é um ritual feito só para as pessoas da sociedade pepel, realizado longe da capital, na região de biombo, uma das regiões da Guiné-Bissau, na vila de Quinhamel. Embora alguns aspectos resistam às mudanças culturais, tais como o cachorro, óleo de dendê, pano de pente preto, esteira, e outros estão pouco a pouco se transformando.

Embora o ritual de casamento K´mari tenha sido amplamente discutido por Cá (2016), Garrafão (2018) e Mango(2017), o que chamou mais atenção nas leituras desses autores e as experiências vivenciadas na Guiné-Bissau e como uma pessoa pertencente a etnia pepel, é o sentido que os membros da etnia dão aos símbolos incorporados no casamento, tal como a esteira, um símbolo que agrega a transição da identidade da mulher/noiva e que será retomado no ritual fúnebre quando esta mulher vier a falecer, pois essa esteira é guardada até o dia que a noiva morrer e será enterrada com ela. Caso ela não realize o matrimônio K´marri, ela não poderá enterrar-se com essa esteira.

De acordo com Mango (2017), para a etnia pepel, o casamento é um dos rituais mais importantes da tradição, pois ele também se torna a condição para a realização de outros rituais, como, por exemplo, “Knedjo” (cerimônia em que tanto a noiva assim como o noivo serão aconselhados pelas pessoas que já passaram pelo mesmo rito, mas pode sim aparecer durante a manifestação, e também não pode ser enterrada com a esteira do casamento).

Cá (2016), por sua vez, explica que os ritos da cerimônia do casamento estão sofrendo algumas alterações devido à própria evolução da sociedade. Cá demonstra que essa transformação pode ocorrer inclusive sobre a virgindade da noiva. Antigamente, se a noiva fosse virgem a família do noivo comprava a galinha para cozinhar e levar para os pais da noiva para lhe agradecer da forma como a noiva preservou a virgindade e se não for virgem era devolvida aos pais. Atualmente, essa questão agora não é verificada.

Na opinião de Garrafão (2018), o casamento tradicional pode mais tarde ser reforçado ou não com o casamento civil dependendo da decisão dos noivos. Pela experiência adquirida como membro dessa etnia, o importante é fazer a cerimônia do casamento tradicional, mesmo adaptado ao cenário contemporâneo, primeiro porque a etnia crê que a alma não pode instalar-se no outro mundo, caso a cerimônia não seja realizada, tal problema pode repercutir para outras gerações derivadas do casamento inapropriado, causando problemas para os descendentes. Além disso, ela também impede o toque do bombolom (toca chur) para anunciar a morte de um membro da etnia pepel.

Com esta pesquisa, cremos que a sociedade pepel possa conhecer mais sobre os símbolos do K´amari, seu pepel étnico e social. E deste modo, contribuiremos com a

valorização da nossa cultura, nossa identidade, de modo que ela continue firme até as próximas gerações.

5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nessa seção, debateremos como acontece o ritual do casamento da etnia pepel, quais são os seus símbolos tradicionais e como esses aspectos constituem um ritual de passagem para as mulheres guineenses.

5.1. O ritual de casamento

De acordo com Migliorini (Apud FGV, 1987), a expressão ritos de passagem foi usada pela primeira vez por Arnold Van Gennep para descrever dois tipos de ritos, aqueles que celebram a passagem para a morte, e aqueles que inauguram novos status sociais, como o casamento. Desse modo, “o casamento é a união dos vínculos entre duas pessoas que institui deveres conjugais, e também trata de cerimônia ou ritual que efetiva esse contrato de união” (SHOPENHAUER, 2011 apud CÁ, 2016). Por outras palavras, o casamento é um contrato celebrado entre as duas pessoas, com a finalidade de se juntarem para formar uma família. O casamento entre os membros da etnia pepel é uma prática cultural, que muitas das vezes é realizado nas aldeias com a finalidade de fortalecer tradições ancestrais (MANGO, 2017).

Na perspectiva religiosa, de acordo Pinto (2010, p. 15),

a cerimônia do casamento é um dos antigos ritos de passagem remanescentes na sociedade contemporânea, apesar do crescente número de uniões livres, em que o vínculo conjugal se forma sem a intervenção da Igreja ou do Estado. Este ritual parece sobreviver na atualidade e envolver psicologicamente os noivos e suas famílias de origem, marcando uma transição individual, familiar e social.

A partir do trecho acima, percebe-se que a cerimônia do casamento é um dos ritos de passagem mais antigos que até hoje assumem grande repercussão na sociedade. Tendo como exemplo a cerimônia católica de casamento, verifica-se a existência de uma espécie de sequência litúrgica que nos permite observar a modificação de dois indivíduos solteiros e ligados às suas famílias de origem em um matrimônio que irá dar origem a uma nova família (PINTO, 2010).

Na visão de Mango (2017, p.12), existem três tipos de casamentos na Guiné-Bissau: “o casamento civil feito no cartório; o casamento religioso que é realizado nas

igrejas; e finalmente vamos ter o casamento tradicional, realizado nas aldeias por diversos grupos étnicos”.

Na etnia pepel, segundo Pires (2019), há outras cerimónias de matrimônios que, segundo ele, são reconhecidas pelo sistema de parentesco da etnia pepel e outros não. Todavia, o modelo de casamento dos pepeis legítimo mais conhecido é o Kmarri.

Kmarri é o casamento tradicional pepel, considerado como uma das cerimónias mais importantes para as meninas da sociedade pepel tal como o fanado (circuncisão) que é para os homens. Só pode ser realizada pelas pessoas da mesma sociedade (pepel), com objetivo de fortalecer amizade entre as gerações e de estabelecer os laços familiares com o do noivo assim como da noiva. Para o cumprimento deste ritual, diversos símbolos e etapas são necessários. Na próxima seção, discutiremos sobre esses aspectos.

5.2. O K`marri e a passagem da infância para a idade adulta da mulher

O k`marri figura como um rito importante na passagem da infância para a idade adulta das pessoas do sexo feminino. Antes de iniciarmos a nossa análise consideramos fundamental deixar o público leitor a par do país de que trataremos, Guiné-Bissau, bem como alguns costumes e divisões étnicas.

O casamento tradicional (k`marri), como um dos rituais mais importantes da etnia pepel, tem como objetivo a união entre as famílias e relacionamento dos casais mantendo o equilíbrio e sua reputação dada a mesma sociedade que serve para união de diferentes gerações, dos diferentes grupos sociais dentro da mesma etnia. Através deste ritual, a mulher se sente respeitada perante aquela sociedade porque se ela tiver filhos antes do casamento passa a ser uma vergonha para a família.

Na sociedade pepel, quando as meninas atingem a puberdade já são consideradas aptas para realizar o k`marri, cabendo a sua família decidir com quem ela se casará. O casamento ainda na adolescência marca uma preocupação da família com a gravidez não desejada e fora do casamento, que surge nesse contexto como uma espécie de celebração entre famílias que asseguram a constituição da família sem o incomodo da vergonha.

A relação da jovem guineense candidata ao k`marri com os estudos parece tensa, pois depende da cultura das famílias envolvidas, se elas estão dispostas a respeitar o tempo dedicado aos estudos da adolescente, ou se vão obrigá-la a abandonar para assumir as atividades domésticas e laborais. Com relação à questão educação, pode-se afirmar que depende da construção sim, porque se no caso qualquer membro da família (mãe ou pai ou qualquer pessoa da família) tem conhecimento acadêmico, incentiva os outros membros da família a seguirem o mesmo caminho, sendo menino ou menina. Mas, para a nossa sociedade em geral, não só da etnia pepel, dão sempre mais oportunidade para os meninos que as meninas com intuito de que homens são mais inteligentes do que as mulheres.

5.2.1. Os passos do ritual *K`marri*: aspectos que mudaram e que resistiram

Preambulo: as negociações

No primeiro momento, se um homem deseja constituir matrimônio com uma mulher, é necessário pedir os mais velhos para iniciarem as negociações do casamento, então, os pais do noivo e noiva combinam o valor do dote, agendam datas importantes. Esse pedido é realizado na casa da noiva, e para isso os pais do noivo levam bebidas para celebrar o acordo. Ao conversar sobre o casamento, é ali que são decididos quais os dotes os pais da noiva vão pedir e o recado será entregue ao noivo juntamente com seus pais para as pessoas que foram pedir a mão da noiva.

A preparação da noiva

Segundo Có (2010, apud, GARRAFÃO, 2014, p.9), espera-se que toda a mulher passe por essa iniciação através do casamento pelo qual ela é considerada uma pessoa adulta e com certa maturidade para participar nos momentos decisórios da comunidade, portanto essa ideia da maturidade nos mostra que esse casamento implica em um processo de agregação de saber. A etnia pepel realiza a passagem da adolescência ao estado adulto para ambos os sexos, tem ritos para rapazes, que se chama fanado. Como aponta cá (2016, p.34),

Na tradição da etnia pepel um indivíduo, para ser considerado integrante da mesma ou adulta precisa passar em diferentes fases rituais,

muito importantes; uma delas era “circuncisão” (fanado¹), cerimônia de iniciação que abre o caminho para as outras cerimônias tradicionais da etnia; um homem que já passou por essa fase sempre tem um privilégio muito grande no seio da família.

A primeira coisa a fazer no casamento, é levar a noiva para fazer a lavagem num lugar sagrada (BALOBA), onde vai ser cortado o cordão que foi amarrado pelo noivo, ao cortar o cordão, ela vai amarrar o pano de pinte, depois é tirada na casa dos pais para ser levada na casa do noivo. Ao chegar lá, a noiva deve permanecer dentro de casa. No dia seguinte, de manhã, ela é levada no centro da casa, sendo feito o corte do cabelo pelo noivo ou seu amigo.

Condições para realização

Uma das mudanças observadas no ritual, é que para realização do casamento, o noivo tem que pagar as amigas da noiva para uma despedida de solteira depois os dotes as mães gostam de pedir tambor de plástico (tanque); e as bacias para ajudar na tiragem da água de caju, nos trabalhos da colheita e também tem pais que precisam do dinheiro para pagar as dívidas.

Um elemento tradicional que resistiu às influências culturais é o uso da esteira. Na etnia, é a pessoa do noivo que compra a esteira do casamento, pano de pente, olho de dendê, cachorro, bijuteria para enfeitar a noiva. Depois da cerimônia, há vários tipos de esteiras, mas, existe um especificamente só para casamento e esse mesmo esteira quando a pessoa morre é usada para cerimônia fúnebre. Ao terminar a cerimônia, essa esteira é guardada na casa do noivo em cima de algum lugar, onde ninguém pode mexer, pois é sagrada mesmo terminando o casamento vai ficar guardado lá porque no dia que a noiva morrer o corpo volta para casa do noivo, na mesma casa onde foi realizada a cerimônia.

Antigamente, o casamento k`marri durava um mês na sociedade pepel. Atualmente, a duração do ritual de casamento varia conforme as condições financeiras da família proponente. Há uma preferência pela realização do casamento ainda na infância e adolescência da mulher, contudo, a depender das condições familiares, esse casamento pode se dar já na idade adulta. Atualmente, com relação a virgindade, embora ainda seja

¹ Essa cerimônia na sociedade pepel é destinada apenas para os homens e se realiza na mata, longe da casa, onde nenhuma mulher pode saber o que acontece lá, no entanto se o homem não passou aquele rito não pode casar tradicionalmente.

uma preferência, que a noiva se case virgem, cultura passada de geração para geração, há situações que o casamento aconteça, inclusive com mulheres que estejam grávidas.

a) O lugar do ritual

Toda a cerimônia é realizada na casa do noivo com músicas. Durante a cerimônia, os amigos dos noivos devem matar um cachorro, o sacrifício do animal é uma peça muito importante e condicionante para o desenvolvimento da cerimônia, sendo imprescindível que ela se conclua somente após a morte do animal, que pode ser comido pelos convidados, ou não. Durante a festa, a noiva é levada para fazer parte de uma reunião (K'NEDJO2) para ser aconselhada pelas mulheres que já passaram pelo mesmo rito.

Nessa reunião, as mulheres casadas encarregam-se de ensinar a respeitar o marido. Vale ressaltar que a noiva deve respeitar as mulheres e caso as desobedeça pode ser espancada. Entre as regras dessa parte do ritual, figura o segredo, pois todas as noivas nunca devem contar o que as (ONDJENSSEM3) mulheres casadas lhes aconselharam.

5.2.2. Símbolos e adaptações simbólicas do casamento papel

Em relação aos símbolos do casamento papel, alguns ainda resistem e são imprescindíveis para a conclusão da cerimônia, são eles: o corte de cabelo, o óleo de dendê, a esteira, o cachorro, o pano de pente preto, cordão.

a) O cabelo: materialização corporal da mudança de status

No momento em que a noiva já teve seu cabelo raspado, é nesse momento que ela é considerada noiva porque passou do status de mulher solteira (OMBAMSSAM) para mulher casada (ONDJENSSEM). Para passar pelo rito, o óleo de dendê é usado depois de a noiva raspar o cabelo e é colocado em toda parte do corpo, inclusive na barriga para saber se a noiva está grávida no momento de casamento ou não.

b) A esteira

² (ONDJENSSEM) mulher casada

³ (OMBAMSSAM) mulher solteira

A esteira é produzida artesanalmente com as mãos, de artesãos específicos, que organizam o objeto com duas faces, que não podem se misturar, pois caso o lado de trás se misture ao da frente, crê-se que a noiva não poderá gerar filhos. A noiva entrará em contato com este objeto simbólico pela primeira vez depois de terminar de raspar o cabelo, neste momento, ela é levada para varanda onde vão colocar a esteira (K`NDJENSSE). Este símbolo é muito importante na sociedade pepel, pois além do casamento, ele também é retomado no dia do funeral da noiva.

c) O pano de pinte

O pano de pinte, assim como a esteira, é um objeto simbólico que dialoga com outros rituais papéis. No casamento, o noivo deve comprar o pano de pinte na cor preta. Esta cor, de antigamente até data presente, é usado para identificar a noiva, a sua importância para a sociedade pepel, e é usado como um pano sagrado que envolve a noiva quando ela já raspou o cabelo.

Para envolver-se com o pano, a noiva deve permanecer dentro da casa do noivo só com as pessoas de confiança porque é ali que as pessoas que vão querer a sua felicidade, evitando o contato com aqueles que possam de repente lhe fazer mal.

Depois da cerimônia, o pano é dado a sua mãe para guardar com carinho ou a alguma pessoa de confiança; o pano é sagrado e pode ser utilizado pela mãe ou outra pessoa que guardou o pano. Um dos cuidados que essa pessoa que guarda o pando deve ter é evitar queimar o tecido, pois caso isso aconteça, os filhos da noiva podem ser queimados. Caso o pano esteja desgastado pelo uso, a mãe da noiva ou pessoa que o guardou deve jogá-lo ao mar. Caso o pano não seja utilizado pela pessoa que o guarda, a noiva deve amarrar o pano de pinte ao seu marido falecido no ritual fúnebre.

Antigamente, a noiva ficava na cerimônia durante doze dias envolvida no pano, seis dias dentro e seis dias fora na casa do marido, mas hoje em dia isso não acontece e varia conforme a disponibilidade da família.

d) O cordão

A noiva, ao sair da casa dos pais para casa do marido, ela é levada a um lugar sagrado (baloba) mais próximo da casa dos pais, onde o cordão vai ser cortado. Quando já é cortado, significa que a noiva não pertence mais a casa dos pais só a casa do marido.

A partir do momento em que o cordão foi cortado, a noiva passa a pertencer ao marido por isso que quando está morta não pode voltar para a casa dos pais porque já não lhes pertence.

e) O cachorro

Depois de cortar o cordão na Baloba, o cachorro é sacrificado para que a noiva possa passar em cima dele para mostrar que saiu limpa da casa dos pais sem nenhum obstáculo, se houver alguma coisa depois do casamento, como, por exemplo, se ela não tiver filhos ou não for feliz na casa do marido, alguém deve aproveitar essa oportunidade na casa do noivo no dia do casamento, porque na casa dos pais, ela saiu limpa.

6. METODOLOGIA

Para realização desta pesquisa, será utilizada a metodologia de caráter qualitativa. Conforme coloca dos Santos (2019), a complexidade resultante das transformações nas ciências contemporâneas demanda cada vez mais que nos aproximemos dos nossos objetos de interesse e pesquisa imbuídos de um espírito transdisciplinar. Nesta perspectiva, o presente trabalho tem como método a pesquisa de caráter qualitativa. A metodologia de caráter qualitativa, segundo Gil (1999), nos oferece o aprofundamento da investigação das questões relacionados ao fenômeno em estudo e das suas relações, busca também a individualidade e os múltiplos significados.

Assim sendo, para coleta de dados deste estudo, utilizaremos a pesquisa documental e bibliográfica, assim como a própria experiência da pesquisadora, dando foco nas fontes como artigos, teses, dissertações e monografias que discutissem sobre a cultura do casamento papel.

Tendo em conta a pouca produção sobre a proposta da nossa pesquisa, pretendemos utilizar a entrevista como uma das técnicas de recolha de dados, de modo a conseguir dados não documentados sobre informações que possivelmente advir. O recurso à entrevista é uma estratégia muito importante para obter informações que o pesquisador pretende alcançar, pois, de acordo com Gerhardt e Silveira (2009, p.69) o “questionário é um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito pelo informante, sem a presença do

pesquisador”; o que implica que nossos questionários serão baseados nas inquietações que norteiam a nossa proposta de pesquisa.

7. CRONOGRAMA

ATIVIDADES	2021.1	2021.2	2022.1
Pesquisa Bibliográfica	X	X	X
Discussão sobre os achados		X	
Redação	X	X	X
Defesa do TCC			X

REFERÊNCIAS

CÁ, Edneusa Diamantino. Casamento da etnia Papel na Guiné-Bissau. **Monografia** (Bacharelado em Humanidades), 2016.

DEL-MASSO, M. C. S; COTTA, M. A. de C.; SANTOS, M. A. P. Ética em Pesquisa Científica: conceitos e finalidades. **ACERVO Digital**. Unesp, p. 1-16, 2007.

DOS Santos, Lúcio Agostinho Barreiros et al. **Orientações metodológicas para a elaboração de trabalhos de investigação**. 2019.

GARRAFÃO, Yolanda Victor Monteiro; SUBUHANA, Carlos. **O casamento tradicional na Guiné-Bissau: o K'mari na etnia Papel** 2018.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo . **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre, Rio Grande do Sul: UFRGS. Fonte: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>, 2009.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LAKATOS, E.M.; MARCONI, M. **Fundamentos Metodologia Científica**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MANGO, Aldair Alberto. Casamento da etnia papel na Guiné-Bissau: **celebração de um pacto entre duas pessoas ou duas famílias**. 2017.

MIGLIORINI, Rogério Costa et al. **Corpos mortos e vivos: as cerimônias mortuárias e as representações da morte entre católicos brasileiros.** 2009.

PINTO, Débora Fontes; BARBOSA, Rita Claudia Aguiar; DE BRITO MOTA, Maria Dolores. **Enxoval de Noiva e a Moda—Da Dádiva ao Homewear. ModaPalavra e-periódico**, v. 3, n. 6, 2010.

PIRES, I. **Onkonte Pu Aka Epro Banha? Porque a barriga pede anto? Estudando sistemas de casamento (Kumar) na etnia Pepel da Guiné-Bissau.** 2019. Tese de Doutorado. Dissertação de Mestrado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UNICAMP.